

## CORRESPONDÊNCIAS COM ROSELI

Bairro Santo Antônio, Belo Horizonte, Outubro de 2020

Olá Roseli

Estou feliz por iniciar uma conversa com você! Meu nome é Núria, sou arquiteta, mãe e jardineira. Tenho me especializado nos últimos 4 anos, que é a idade da minha filha Rita, em cuidar. Cuidar segundo o dicionário vem do latim da palavra cogitare, cogitar e está relacionado com o imaginar. Nestes últimos anos, em que o ambiente doméstico tem sido o cenário de minhas mais intensas experiências e reflexões, do aprender e desaprender e o imaginar tem sido uma importante ferramenta e é uma das metodologia que temos experimentado nas viagens aqui do grupo Jardins Vivos<sup>1</sup>, logo te contarei mais sobre isso. Mas por agora, depois de ver seu lindo trabalho no projeto *narrar é resistir*<sup>2</sup>, fiquei com vontade de te escrever algumas imagens da minha história de ribeirinha urbana.

Vivo em Belo Horizonte na Bacia do Córrego do Leitão. Já morei em diversos prédios aqui na bacia, alguns à margem direita e outros à esquerda. Passei minha infância e adolescência andando sobre as águas do Leitão sem me molhar e também quase sem vê-lo. Lembro da primeira vez que soube de sua existência. Chovia forte e eu olhava pela janela do quarto de minha mãe. Espichei a cabeça ao máximo que a grade da janela me permitia e logo o avistei, correndo marrom e caudaloso. Os carros

---

<sup>1</sup> Referência ao trabalho realizado com o grupo Jardins Vivos na Mostra Córregos Vivos. Ver mais em: <https://www.corregosvivos.com.br/jardins-vivos>

<sup>2</sup> <http://narrareresistir.org/>

como submarinos. E então meu pai me disse: esse é o córrego do Leitão. Eu devia ter uns 10 anos. No domingo seguinte fui contar para minha avó, que mora na região desde menina, como tinha sido assustador meu encontro com o Leitão, tive uma mistura de medo e admiração por aquelas águas. Foi aí que ela me contou que costumava fazer deliciosos piqueniques às margens do córrego e inclusive NADAR. Nossa! Imagine só!

Em minha primeira infância morei por um breve período na zona rural de Sete Lagoas. Vivia descalça, no meio do cerrado comendo ameixinha amarela e pescando piaba na represinha do córrego. Na cidade, eu sentia e sinto uma falta danada de terra, água e mata. Aquela conversa com minha vó e aquele encontro com o Leitão fez eu me dar conta que embaixo daquele concreto todo houve ou/e havia na minha imaginação a terra úmida que sentia com meus pés na infância.

Aos 7 me mudei do sítio em Sete Lagoas e fui morar em BH. Comecei a estudar na Escola Estadual Pandiá Calógeras, a Escola também está na Bacia e eu ia e voltava de ônibus escolar. Foi pelas viagens de ônibus escolar que conheci uma paisagem que ficava bem ao lado de minha casa mas por onde eu não passava nos trajetos a pé de meu cotidiano. A paisagem que descreverei era o ponto onde alguns meninos da escola desciam. Tratava-se de uma espécie de lagoa vazia que os meninos atravessam para chegar em suas casas que ficavam todas bem juntinhas no morro do outro lado. Eles desciam a baixada, que chamavam de barragem, apostando corrida. Parecia bem divertido. Quando chovia o fundo ficava enlameado ou até com um tiquim de água. Depois fui saber, provavelmente pelo meu pai, que é hidrólogo, que aquela divertida lagoa seca se tratava da bacia de contenção do Leitão. Anos depois ela recebeu um tratamento paisagístico e passou a ficar sempre cheia, como é agora.

Em 2018, eu com 31 anos, esvaziam a barragem para uma manutenção de assoreamento e ao vê-la sem água voltei no tempo. Aquele esvaziamento foi uma festa de pescaria! Os pescadores urbanos lançaram suas redes, alguns dizem que chegaram a pegar 100kg de peixes, entre eles traíras, carpas e muitas tilápias. Não sei se esses 100kg é história de pescador mais que teve uma carpa de 9,5kg e 80 cm, teve! Deu até no jornal, rs.

Envio uma foto que um amigo tirou nesse episódio de pescaria da Barragem Santa Lúcia em 2018 e postou no facebook. Salvei essa foto com muito carinho e ela me faz imaginar cidades onde os escolares são barcos, em que o lanche pode ser pescado ao invés de comprado e em que as crianças escutam histórias de pescador ao entardecer.

Envio também uma foto de uma barco escolar que tirei em dezembro de 2014 em uma viagem a trabalho que fiz ao Rio Xingu. Na época entrevistei pescadores atingidos pela represa de Belo Monte.



Junho de 2018 na barragem Santa Lúcia, BH, MG.

Foto: Daniel Carneiro



Dezembro de 2014, Vila Nova, Xingu, PA.  
Fonte: arquivo pessoal Núria, 2014

Bairro Céu Azul, Belo Horizonte, Outubro de 2020

Boa tarde Núria;

Grande satisfação em poder trocar essas impressões e memórias sobre as águas e seus territórios da/na cidade em que habitamos. Me senti grandemente sensibilizada por sua escrita sobre suas memórias em relação ao Córrego do Leitão.

Minha trajetória com as águas começa a partir das memórias de minha mãe, que viveu sua infância e juventude às margens do Rio Piracicaba, na cidade de mesmo nome, em Minas Gerais. Lavadeira desde a infância, nos entretíamos ouvindo suas histórias construídas na relação com este

rio... Brincadeiras, trabalho, abundância, alimento, tradição, festas, sofrimento, alegrias, cumplicidade e um turbilhão de outros sentimentos experienciados a partir de um rio, que está morrendo aos poucos por causa da mineração... Memórias que foram reascendidas e ressignificadas com a chegada de Luís Felipe, meu filho amado e aguardado com muito carinho... Que futuro deixar pra esse herdeiro, foi a questão que passou a me mobilizar desde então...

Todas as ações que foram feitas em torno do Córrego do Capão, curso d'água que acabou sendo apadrinhado por afinidade com meu trabalho é uma forma de externar uma resistência e a perseverança em dias melhores... Cada dia me encanto mais com este trabalho, não só por viver e trabalhar no território, mas em especial por me enxergar e me identificar dentro de uma grande rede de trocas fraternas, recheada de cumplicidade e cuidados que se estendem até o quintal de minha mãe, com quem compartilho e alimento minha alma dos saberes tradicionais que coexistem naquela pequena, grande fatia de mundo...

Feliz demais em compartilhar esse momento com você!!!

Bjo

Ps: Compartilho com vc, imagem da nascente principal do Parque do Capão... Parte da equipe de voluntários do Movimento Núcleo Capão. Da esquerda pra direita: Giovane, Simone, Maria Shirley, Roseli, Érika e Clarice... "Um sonho que se sonha junto, torna-se realidade"...



Nascente principal do Parque do Capão  
Arquivo pessoal da Roseli

Roseli envia o vídeo: "Debaixo do asfalto, o Rio! "

Bairro Santo Antônio, Belo Horizonte, Outubro de 2020

Olá Roseli,

Que bonita sua relação de afeto com as águas estar ligada às vivências com sua mãe e a um zelo pelo futuro de seu filho. Me toca muito essa sua intimidade com os rios.

Vocês saíram das margens do Piracicaba para morar nas margens do Capão a muito tempo? Pergunto pois fiquei muito curiosa com essa relação em rede entre os vizinhos que me contou. Como se formou essa rede? Vocês se encontram frequentemente? Como tem atuado no território? De alguma forma esta rede te ajudou na criação de seu filho também?

Por aqui moro com meu companheiro e minha família em um lado do Leitão, minha mãe mora do mesmo lado. Na margem oposta vive minha irmã. Elas têm sido uma importante rede de apoio para mim para as tarefas do ambiente doméstico e de cuidados. Vira e mexe uma delas faz almoço e leva pra mim. Ou também vão lá para casa para cuidar de minha filha em dias que tenho muito trabalho externo. Além delas, a escola também funcionava (digo no passado pois estamos a quase nove meses sem aula devido a pandemia) como uma rede de apoio e um ponto central de atuação no território. Começamos no ano passado uma articulação entre os pais e as mães da EMEI. O objetivo inicial era plantarmos para fazermos alguns pontos de sombra no pátio da escola que é enorme mas muito árido, por isso não é tão usado como poderia ser. Trata-se de um grande gramado por cima de uma grande laje de concreto da garagem do subsolo - parece que a sina aqui da minha região é essa crosta de concreto nos separando da terra. Esse pequeno grupo de

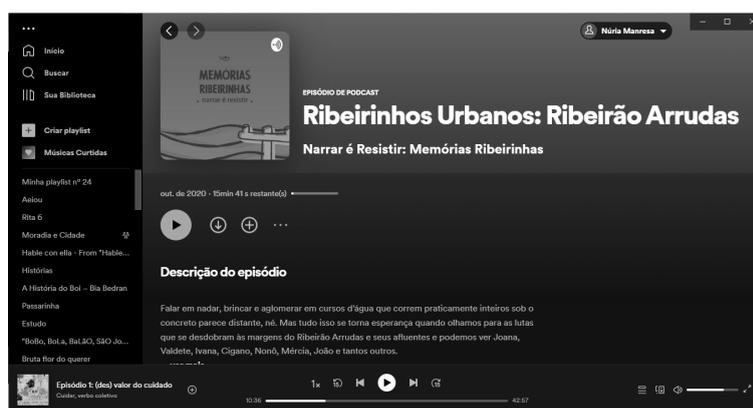
pais que se reunia semanalmente para plantar e construir juntos o espaço escolar era de uma grande alegria. Acabávamos usando a escola um pouco como praça, mas uma praça diferente, construída por nós, dava gosto, sabe?

Assisti ao vídeo que me mandou "Debaixo do asfalto, o Rio! ". Adorei conhecer por imagens um pouco do seu rio. Ficou claro para mim que a meta de vocês é limpar o rio para poder nadar e pescar nele em 2025. Que incrível! Como tem sido essa movimentação?

Adorei também que o vídeo começa com o Art.225 "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e às comunidade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações." Obrigada pelo envio do vídeo, das fotos e por me contar um pouco de sua vivência.

[12:30, 27/10/2020] Roseli Correia: Aqui está um programa para você...  
Ribeirinhos Urbanos: Ribeirão Arrudas

<https://open.spotify.com/episode/3RqyTR7UApWMwsiD0MtdTp?si=xCh8y5f9QpKUN8eOSAAmng>



Link do Programa Ribeirinhos Urbanos : Ribeirão Arrudas  
Fonte: *Pritscreen* do Spotify

[12:42, 27/10/2020] Nuria Manresa: Eba . Vou ouvir agora enquanto preparo o almoço. Obrigada

Oi Núria, li seu relato e fiquei comovida com as relações de carinho e afeto estabelecidas na sua família... Nesses tempos incertos, os cuidados nunca foram tão essenciais...

Minha mãe casou-se ainda jovem e junto com meu pai, vieram para BH... Ela saiu do Rio Piracicaba, mas o rio nunca mais saiu de suas memórias... O fim de semana passado foi meio corrido... O grupo que acompanha o Núcleo Capão resolveu participar da Semana Lixo Zero com uma ação de grafite e plantio na área do Parque...

É muito bom poder colher os frutos de uma ação em Educação Ambiental, que começou em 2012 numa escola pública da periferia de

BH... Naquela época tínhamos mais perguntas que respostas e foi indo atrás de experiências sensíveis, pautadas no cuidado com as Águas e em seus territórios, que acabaram alimentando nossas práticas e esperanças de poder conviver com um córrego vivo! O Projeto Manuelzão foi essencial nesses primeiros passos...



Mutirão de grafite e plantio no Parque do Capão, no dia 24/10

Fonte: Acervo pessoal da Roseli

[10/2020] Roseli: Os quintais da minha comunidade! Valorização dos saberes tradicionais - uma parceria entre escola e comunidade...  
[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=2354923897987078&id=100004084724455&sfnsn=wiwspwa](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2354923897987078&id=100004084724455&sfnsn=wiwspwa)



Link de vídeo no youtube de Helena Correa apresentando seu quintal na rádio escola da EMPON (Escola Municipal Professora Ondina Nobre):

<https://www.youtube.com/watch?v=hWS0JxXfo5c>

[10/2020] Núria: Que incrível tudo isso, Roseli!! Vou te escrever com calma. Muito obrigada por compartilhar. Aproveito para te enviar também um vídeo de uma parceria entre a EMEI e a comunidade [escolar] daqui:



Link de vídeo no youtube de processo de construção da horta pela comunidade escolar: <https://www.youtube.com/watch?v=L0ohXOACoCM>

[14:59, 27/10/2020] Roseli Córregos: 🙌🙌🙌❤️ Que experiência MARAVILHOSA!!! 😍😍😍 Em qual EMEI vc realizaram essa horta maravilhosa!

[16:49, 27/10/2020] Nuria Manresa: EMEI Vila Estrela. Era onde minha filha ficava. [está EMEI no Bairro Santo Antônio, próximo a área da Av. do Contorno]

[17:14, 27/10/2020] Roseli Córregos: Que espetáculo! Produzir e ou oportunizar uma relação saudável entre escola e comunidade é o sonho de toda boa gestão... ou pelo menos deveria ser.... Linda experiência! ❤️



Bom dia Roseli,

Bacana demais isso tudo que me enviou [me refiro aqui as experiência da Educação Ambiental na escola municipal descritas por Roseli]. Fiquei muito curiosa em entender como o grupo se formou, é inspiradora essa relação com a vizinhança e esse cuidado com o espaço. Como funciona essa organização por núcleos? O grupo começou nesta escola que me contou? Como começou? Você falou de Educação Ambiental, essas ações começaram dentro da escola em uma disciplina ou projeto de educação ambiental? Foi isso?

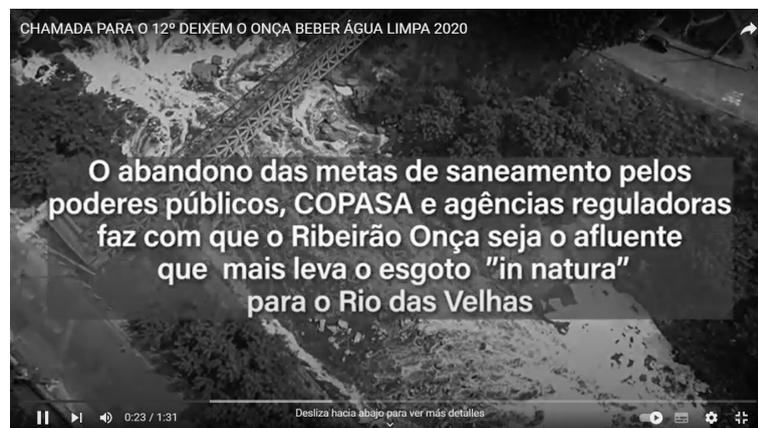
Este programa do Youtube é do Programa de Escola Integrada de uma escola da região? Que incrível! A Dona Helena é moradora da região e tem passado para os estudantes o saber dela sobre as plantas? É isso?

[17:42, 09/11/2020] Roseli Córregos: Oi Núria, boa tarde! Desculpe a demora em responder, esses dias tem sido muito corridos... rsrs Bem, respondendo a sua pergunta, o Núcleo Capão surgiu de uma experiência em Educação Ambiental na escola onde trabalho, entre 2012: "As Escolas na Bacia"... Em 2013 fomos convidados pelo Projeto Manuelzão para formar um Núcleo Manuelzão, a partir da proposta Manuelzão vai à Escola... Essa demanda de formar/construir uma rede de parceiros faz parte da metodologia replicada pelo Manuelzão, no intuito de fortalecer as parcerias locais/globais... A identificação de parcerias foi super importante para começar a entender o território e buscar soluções ou apontar perspectivas pros problemas, que na sua grande maioria são muito parecidos... Agora, esse entendimento acabou nos levando a conhecer o SCBH Ribeirão Onça e o Comupra... Este último tem um trabalho fantástico... Foi inspirados no movimento do Comupra "Deixe o Onça beber Água Limpa", que começamos a replicar, através do Núcleo

Capão, os mutirões de plantio, limpeza e grafite, em especial no Parque do Capão: área com 16 mil metros quadrados, prevista no Plano Diretor da cidade, que precisa ser implantada...

O nosso grande desafio ainda é envolver as escolas e sensibilizar a comunidade ribeirinha para a necessidade de transformar o Capão em um parque ciliar... Como o Capão é tributário do Vilarinho, agora a ideia é reforçar a Meta 2025 "Nadar, pescar e brincar no baixo Onça"...

Grande beijo 🍷🍷



Link de vídeo no youtube de processo de construção da horta pela comunidade escolar: <https://www.youtube.com/watch?v=A2YJ9wHoV3M&feature=youtu.be>

Roseli,

cada vez que você me escreve fico mais curiosa com tudo o que me conta! Parece que são muitas pessoas envolvidas, muitas ações, muitas ideias, que riqueza! Este projeto que me contou de 2012 chamado *As Escolas na Bacia* aconteceu em várias escolas da Bacia do Capão? Como eram as

atividades, eram parte de alguma disciplina ou atividades extracurriculares? As atividades aconteciam com qual periodicidade?

Que incrível saber que o Núcleo de vocês se formou a partir da escola. Penso na escola como um ambiente muito potente dentro de uma organização social. Como mãe, a escola é para mim um espaço onde é possível encontrar com outros pais e mães, trocar experiências sobre o cuidado, imaginar possibilidades de cuidado coletivo. A escola é uma grande rede de apoio na criação da minha filha. Agora na pandemia a rotina tem sido bem mais complicada por aqui. Saudade da escola! rs

Como arquiteta urbanista penso que é um espaço que está presente em todo bairro, onde diariamente um grupo de vizinhos necessariamente se encontra. Me parece um lugar muito potente para surgirem articulações de pessoas e mover desejos e ações no território. Me parece uma estratégia incrível, essa que vocês propõem, de partir da escola para a mobilização e construção do Parque do Capão. Já estão acontecendo alguma atividades na escola da região neste sentido?

Oi Núria, boa noite!

Fico muito feliz com seu interesse e entendimento pelo q é produzido na escola... É o meu sonho de consumo... Sonho com o dia em que a maioria dos pais se interessem pelo que é produzido na escola... Também sonho com o dia em que professores entendam e abracem esse papel/poder social q a escola/educação tem no território...

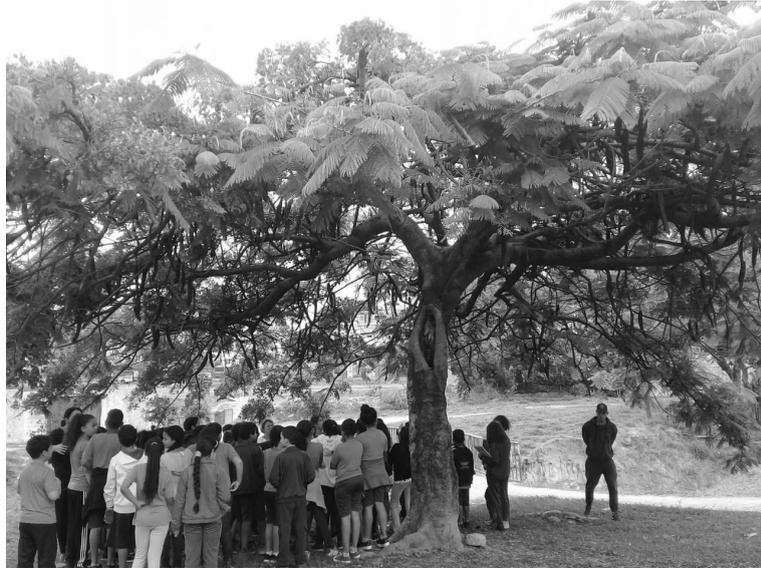
Parafraseando Paulo Freire, "Para além das margens, para além dos muros..." Hoje esta foto apareceu como memória do facebook... Ela é de

2012, uma formação que aconteceu na E.E. Raul Teixeira Sobrinho, Sta. Luzia, em parceria com o NuVelhas/Monitoramento Participativo e Labepeh-UFGM/CP (Lab. de Ensino e Pesquisa em História)... Essa experiência de sucesso, que gestou o Núcleo Capão, só aconteceu pq pessoas abraçaram a proposta... Gosto muito da palavra perserverar, pq ela nos sustentou até aqui... Melhor dizendo, ela tem nos sustentado até aqui...



Formação que aconteceu na E.E. Raul Teixeira Sobrinho, Sta. Luzia, em parceria com o NuVelhas/Monitoramento Participativo e Labepeh-UFGM/CP

Fonte: Arquivo pessoal da Roseli, 2012



Trabalho de campo no Capão com alunos do Fundamental 1, em 2018  
Fonte: Arquivo pessoal da Roseli, 2018



1° Abraço do Capão, em 2013.  
Fonte: Arquivo pessoal da Roseli, 2013.



Reunião Núcleo Capão, em 2019, na Associação Comunitária do Bairro Lagoa... Parte da equipe de voluntários da esquerda para a direita: Giovane, Simone, Maria, Shirley, Roseli, Érika e Clarice.

Fonte: Arquivo pessoal da Roseli, 2019.



Parte da equipe de mobilização do Capão, da esquerda pra direita: Giovane, Roseli, Érika, Henrique, Tatiana, Eloína e Simone.

Fonte: Arquivo pessoal da Roseli, 2019.

Ei Roseli,

Minha participação na escola acho que passa por um desejo de invenção e experimentação de outros modos de vida coletiva. Minha primeira experiência não em escola, mas com adolescentes egresso da escola,

começou em 2014 em um projeto chamado Caput que atendia adolescentes que se encontravam em cumprimento de medida socioeducativa. Os adolescentes recebiam atendimento psicanalítico e frequentavam oficinas variadas: música, arte, dança, cinema. O projeto funcionava em uma casa no centro da cidade e fui convidada pelo coordenador para fazer um projeto paisagístico de revitalização dos jardins. Propus a ele que ao invés de fazer um projeto eu fizesse uma oficina de jardinagem com os adolescentes e a medida que as oficinas fossem acontecendo iríamos reformando o jardim. Ele topou e por lá fiquei um ano dando uma oficina semanal que chamei de muDANÇA. Explico o nome: a oficina durava por volta de 1:30, quase sempre ao som de funk ou rap. Nossos corpos se moviam ritmadamente enquanto plantamos, construimos mobiliário, conversávamos sobre plantios, o espaço, a cidade e a vida. Eu havia me formado em arquitetura há 2 anos e durante as oficinas apresentei aos meninos o que mais havia treinado na escola de arquitetura: técnicas de representação arquitetônica como planta, corte e perspectiva. Devo confessar que no fim das contas usamos pouco destes artifícios para o planejamento e construção do espaço. Muitos dos adolescentes tinham experiência em construção e facilidade em trabalhar com ferramentas de obra e jardinagem. O planejamento e concepção de ideias se dava muito mais a partir de conversas que aconteciam nos nossos encontros, pequenos esboços e experimentos na escala 1:1.

Depois, de 2016 a 2020 trabalhei em um projeto chamado Desembola na Ideia que também atendia jovens em situação de vulnerabilidade social e psíquica na promoção e acompanhamento psicanalítico e atividades artísticas. Desta vez o projeto acontecia em um dos prédios do Plug Minas, onde era a antiga Febem. O prédio, apesar de uma reforma feita

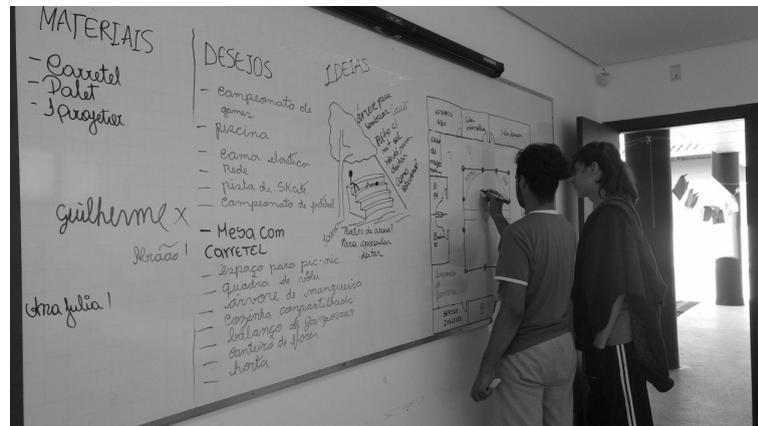
em 2008 pelo governo para tirar o aspecto prisional, continua com o formato panóptico: um edifício em forma de U em volta de um pátio central, formato típico de penitenciárias e ambientes de vigilância. Desta vez eu também dava oficinas semanais e a proposta consistia em reformar o pátio do edifício ao longo dos encontros e a partir do que cada jovem trazia de experiência e história de vida. Não havia projeto prévio definido por mim e o projetar-construir se dava a partir do encontro. O raciocínio espacial era feito em canteiro, um pouco como era na idade média, antes de Brunelleschi. A intervenção paisagística proposta no pátio do Desembola funcionava de forma diferente do trabalho do arquiteto paisagista tradicional dos dias de hoje. O espaço não era previamente pensado e desenhado e depois construído por operários. A proposta pretendia se aproximar da construção do jardim por artistas, considerando aqui a definição de artistas dada na Idade Média se referindo a toda atividade material qualificada. Naquela época não havia divisão técnica ou social do trabalho, todos tinham um *savoir faire*. Ali naquele canteiro de obras do Desembola na Ideia meu papel como arquiteta e propositora da oficina de paisagismo era conhecer o *savoir faire* de cada adolescente. O conhecer se dava a partir de conversas, do cotidiano, práticas culinárias e o próprio mão na massa construtivo com os jovens. O jardim do Desembola foi se moldando a partir destes encontros: levei para o jardim mudas de sálvia (*Salvia officinalis*) para que conhecessem o aroma e textura e usassem na oficina de culinária, por sua vez os jovens me apresentaram a sálvia peixinho, também conhecida como peixinho da horta (*Stachys byzantina*) e muito apreciada empanada e frita por seu característico gosto de peixe. Brotou sem querer e quase arranquei por achar que era mato a Maria Pretinha (*Solanum americanum*) mas a partir dos encontros aprendi que os frutos pequeninos deste “mato”, quando maduros e pretos, se transformaram

em uma deliciosa calda de frutas vermelhas. O espaço ganhou várias outras espécies comestíveis e ornamentais, além de bananais, chuveirão ao ar livre, fonte, pérgola, casas de passarinho, redes, tudo construído durante as oficinas e com materiais acessíveis.

Depois, em 2017, fui convidada para cobrir por uns dias um professor do Programa Escola Integral Integrada de uma Escola Estadual próxima ao Plug. Seriam apenas 4 encontros e propus mais uma vez pensarmos o espaço do pátio escolar em conjunto. O encontro começou também com representações em desenho do pátio escolar. Cada grupo de estudantes fez esboços de propostas e desejos a serem construídos no pátio. Nas oficinas seguintes colocamos a mão na massa e fizemos algumas pequenas modificações e plantios.

A última oficina foi a mais surpreendente para mim, acabou com uma assembleia organizada pelos próprios estudantes no pátio. A assembleia se estruturou após o descontentamento da direção da escola pelo comportamento dos jovens durante as oficinas de arquitetura. Os estudantes, ao longo da reforma, colocaram música funk, alguns tiraram os sapatos e isso foi considerado pela direção como um comportamento inadequado. Por sua vez, os estudantes reclamam que o programa da Escola Integral Integrada previa uma formação que apresentasse conteúdos para além dos tradicionais da sala de aula e apresentasse interação com o território e a comunidade. Segundo os estudantes, muitas vezes o tempo da Escola Integral Integrada acabava virando um horário de fazer para casa ao invés de ser um espaço de invenção e relação com o território e comunidade, como previa o programa do projeto. A assembleia acabou com a redação de uma carta que os estudantes enviaram à direção com propostas de negociar novas regras e

acordos para o cotidiano da escola. Eu nunca mais fui convidada para dar oficina na Escola Integrada.



Oficina de arquitetura na Escola Integral Integrada. Estudantes planejando a reforma do pátio

Fonte: arquivo pessoal Núria, 2017



Oficina de arquitetura na Escola Integral Integrada. Estudantes executando a reforma do pátio

Fonte: arquivo pessoal Núria, 2017



Oficina de arquitetura na Escola Integral Integrada. Estudantes executando a reforma do pátio

Fonte: arquivo pessoal Núria, 2017

Oi Núria, encantada com o seu relato... Há muita potência na sua relação com os espaços e a cidade na sua relação com a Educação não formal... Compartilho do seu sentimento e da necessidade de manter uma relação mais prática voltada para a Educação integral... Muitas escolas ainda estão muito aquém, quando se trata de compreender a Educação a partir de uma perspectiva mais pragmática... Aproveito pra te fazer um convite... Cada x + encantada com os saberes tradicionais...

SEMINÁRIO  
SABERES PERIFÉRICOS  
18 A 20  
DE NOVEMBRO



18/11

19H MESA DE ABERTURA  
ENCONTRO DE SABERES: POR UMA  
UNIVERSIDADE ONDE CAIBAM MUITOS  
MUNDOS

CONVIDADAS(O)  
- CÉSAR GUIMARÃES (UEMG)  
- MARIA DE FÁTIMA (COMISSÃO ESTADUAL PARA O  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E  
COMUNIDADES TRADICIONAIS DE MINAS GERAIS  
- VALDINALVA (CONEPI/RJMG)  
- KOTÁ MULANJI (FÓRUM NACIONAL DE  
SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL DOS POVOS  
TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA)  
- MOACYR LATERZA (PROF. REITOR DE EXTENSÃO  
(UEMG)

MEDIAÇÃO: EMMANUEL ALMADA (UEMG)



19/11

14H RODA DE CONVERSA  
O GRAFITE E O PROCEDER DAS RUAS:  
SABERES ARTÍSTICOS CONTRA O ESTADO

CONVIDADAS(O)  
- BONECO  
- COMUM  
- ARIETH

MEDIAÇÃO - RODRIGO AMARO (UEMG)

16H MESA REDONDA  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO:  
DIALOGOS POSSÍVEIS ENTRE  
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS E  
TRADICIONAIS?

CONVIDADAS(O)  
- MATILDE LIMA (MST)  
- MARILISA HOFFMANN (UFRGS)  
- SUZANI CASSIANI (UFSC)

MEDIAÇÃO - RODRIGO BORBA (UEMG)

19H PROJEÇÃO E DEBATE  
SESSÃO COMENTADA DO FILME ZIRIGANGA  
(QUILOMBO DE JUSTINÓPOLIS)

MEDIAÇÃO - GENESCO ALVES E SÔNIA ASSIS  
(UEMG)

20/11

14H MESA REDONDA  
A PERIFERIA DA PERIFERIA: OS "INVISÍVEIS" E A  
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE  
BELO HORIZONTE

CONVIDADAS(O)  
- SAMUEL RODRIGUES (ASSOCIAÇÃO MORADIA  
PARA TODOS)  
- CRISTINA BOVE (PASTORAL DA POPULAÇÃO DE RUA  
DA CNBB)  
- RITA RIBEIRO (UEMG)

MEDIAÇÃO - MARIO GERALDO DE FONSECA  
(UEMG)

16H MESA REDONDA  
SABERES INDÍGENAS E A EDUCAÇÃO  
INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE

CONVIDADAS(O)  
- SIWÉ ALVES (ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA PATAXÓ  
MIJÁ MIMATXI)  
- MARIA INÊS DE ALMEIDA (UFAC)  
- KARLA CUNHA PADUA (UEMG)

MEDIAÇÃO - RAFAEL FARES (UEMG)

19H RODA DE CONVERSA  
HISTÓRIAS E CÂNTICOS DOS REINADOS DE  
JUSTINÓPOLIS E IBIRITÉ

CONVIDADAS(O)  
- ALISSON PARREIRAS (1º CAPITÃO DA IRMANDADE  
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE IBIRITÉ)  
- DIRCEU FERREIRA (CAPITÃO REGENTE DO  
QUILOMBO DA IRMANDADE NOSSA SENHORA DO  
ROSÁRIO DE JUSTINÓPOLIS)

MEDIAÇÃO - FERNANDA NOVAES E SÔNIA  
ASSIS (UEMG)

[11:06, 19/11/2020] Nuria: Vou assistir Roseli, muito obrigada! Me interessa muito. Fiquei com vontade de saber mais sobre sua atuação na escola. Vc trabalha em qual escola? Há quanto tempo Como é seu dia-a-dia na escola? Como vê a relação da escola com os seus projetos de atuação na bacia hidrográfica?

[11:46, 19/11/2020] Roseli: Oi Núria, bom dia! Trabalho na E.M. Adauto Lúcio Cardoso, no Céu Azul... Esta foto é simbólica e representa o início

de experiências socioambientais na bacia do Capão. Sempre procuro adequar e costurar a proposta pedagógica da escola, com o BNCC e as demandas do território, por meio de projetos... Mas, mesmo com toda essa trajetória e cuidados, não tem sido fácil exercer a tarefa de "Ambientalizar a Educação"... Problemas de toda ordem, mas nada que não possa ser resolvido, quando a gestão da escola entende a importância do seu papel social na comunidade... BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é a proposta atual, substituiu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)...

Ei Roseli! Não conheço nada da BNCC nem das PCNs. O que muda? Existe alguma relação mais estreita com o território com essa mudança? Imagino a dificuldade de "Ambientalizar a Educação".. A Escola é uma instituição já muito consolidada, né? Vc dá aula de que? Tô doida para saber de causos aí da escola ou do dia-a-dia em sala de aula. Admiro muito os educadores.

Oi Núria, vc tem razão, pouca coisa mudou de currículo pro outro... Ainda não fomos agraciados por ideias da inclusão de outros saberes para além do conteúdo... Ainda há muita resistência dos professores de ressignificar a aprendizagem a partir da experiência e de outros sentidos relacionados à vida prática... Só lamento muito que o BNCC excluiu a possibilidade da Educação Ambiental como um tema transversal... A abordagem dessa temática sempre ficou a desejar, mas agora é ainda pior pq exclui essa possibilidade pra os professores mais desavisados... Tenho formação em história, mas trabalho tb com Geografia com alunos entre 9 e 11 anos, no fundamental 1.

Deve ser ótimo trabalhar com a turminha dessa idade. Corpos super ativos e muitas inventividade. Aquele vídeo que me enviou da dona

Helena ensinando sobre as plantas da casa dela foi feito em qual contexto? A dona Helena é avó de algum estudante? Me pareceu uma ótima ideia esta de relacionar os saberes dos idosos da região e os estudantes. Pretendem produzir mais material neste sentido? Roseli, a partir da sua experiência cotidiana na escola, qual é a maior dificuldade que você vê para o envolvimento da escola com o território? Teria alguma relação com essas bases curriculares que mencionou?

Oi Núria, na verdade Dona Helena é minha mãe... 🥰

Ela participou da pesquisa "Patrimônio Ambiental e Cultural de Venda Nova" entre os anos de 2015 e 2016, desenvolvida pela FaE-UEMG, com fomento da Fapemig, em parceria com o grupo de pesquisa Polis e Minemosyne e escolas municipais, entre elas a EMALC e a EMPON (Estas escolas estão na bacia do Capão).

Com a pandemia, a EMPON tem produzido um movimento de valorização de ações locais, dentre elas o resgate/valorização de propostas como "Os quintais da minha comunidade", pelo Programa Escola Aberta...

<http://www.trilhasdememorias-vendanova.uemg.br/projeto.html>

As trilhas da Memória de Venda Nova, foi um dos produtos gerados por esta pesquisa, cujo foco tb foi a valorização dos saberes tradicionais... saberes periféricos... Acho q esta dificuldade está do além do currículo, está associada à uma mudança de paradigma... Entender q a Educação Básica tb é lugar de produção de conhecimentos e de protagonismos... Ainda replicamos uma metodologia baseada no cartesianismo (cada um no seu quadrado)... Precisamos compreender essa visão mais holística da

educação, onde o ser e as relações comunitárias, baseada tb nos saberes tradicionais, estão na base de uma educação intercultural transformadora, mais inclusiva e democrática... Aprendo muito com Paulo Freire e Edgar Morin... Tb tenho lido algumas coisas sobre a filosofia do Bien Vivir, me encantado muito com essas possibilidades... Mas, infelizmente temos uma longa caminhada pela frente, ainda mais em tempos de pandemia e de problemas q precisamos enfrentar de frente como a luta antirracista...

Roseli enviou um áudio com programa da rádio EMPOL

Roseli,

Muito obrigada por me enviar o site do projeto Trilhas de Memórias. Adorei passear por Venda Nova através da cartografia que fizeram com os marcos eleitos pela população. A plataforma construída continua sendo alimentada? Achei uma grande sacada a trilha ser uma plataforma virtual e não um papel impresso. A plataforma dá essa sensação de uma continuidade, de um espaço em construção. Afinal, a memória e o espaço histórico estão em constante construção.

Ainda na plataforma Trilhas de Memória, vi o vídeo com seu relato sobre o projeto. Me marcou especialmente quando você fala que a gente só cuida do que conhece e quando nos sentimos pertencentes a aquele espaço histórico, sendo que para nos sentirmos pertencentes é preciso que seja possível nos apropriarmos do espaço.

Entendo que apropriar seria colocar algo de si, igual a Cleuza Eliane e a Dona Joana fizeram ao tirar o lixo das margens do Capão e plantar ali um

jardim com frutíferas e flores. Mais do que o ato de plantar, o que torna o gesto destas mulheres muito potente é o ato de cuidar cotidianamente deste jardim. No vídeo a repórter diz que Dona Joana fez daquele espaço público às margens do córrego uma continuação de sua casa. A casa é o espaço doméstico, o espaço que se tornou com o advento do capitalismo e o cercamento de terras, o ambiente do cuidado e reprodução. Dona Joana ao transpor esse cuidado cotidiano para o espaço coletivo, coloca neste gesto uma potência revolucionária, já que ao cuidar do jardim imagina, cogita e pratica uma cidade em que o cuidado não se restringe apenas à propriedade privada.

Pelo mesmo motivo que seu trabalho, o de Dona Joana, Dona Helena e de tantas outras mulheres cuidadoras do espaço comum me tocam é que acredito muito na escola como um espaço potencializador de ações no território. Afinal, a educação Infantil brasileira é fruto das lutas dos movimentos sociais feministas que a partir dos anos 70 conseguiram a expansão de creches no Brasil, alcançando uma dissociação do cuidado diurno das crianças dos espaços domésticos. No entanto, infelizmente as orientações básicas das políticas favoráveis à creche ainda a vinculavam aos programas de promoção social ao trabalho materno e não a uma gestão social do cuidado e educação das crianças.

Diante destas reflexões elaboro as seguintes perguntas: Poderiam interfaces espaciais, elaboradas de forma a darem igual oportunidade para a aprendizagem e o ensino, estimular a organização de uma rede territorial que incentiva a troca de saberes silenciados na cultura escolar e propõe e constrói um ambiente educativo de responsabilidade comum? Como ouvir o silenciado?

Roseli, foi um grande prazer trocar correspondências via whatsapp com você em decorrência do Projeto Córregos Vivos. Espero continuar a prosa pois o papo só fez aumentar minha curiosidade com o Córrego do Capão e sua incansável atuação como educadora. Queria te dizer, já que falamos de memória, que vasculhei as minhas raízes e encontrei onde nossas raízes se encontram no território. Como te contei no início de nossas correspondências, sempre morei às margens do Córrego do Leitão. Minha avó paterna nasceu em Belo Horizonte na casa de seus avós na Rua da Bahia, no bairro Santo Antônio. O avô dela, meu trisavó, era ferreiro e foi contratado pela Comissão Construtora da Nova Capital . Veio então de mala e cuia, de Catas Altas da Noruega para BH. A oficina de serralheria onde ele era empregado ficava onde hoje é a biblioteca pública. Dizem que meu avô era famoso no bairro por construir em seu quintal caprichosos galinheiros de ferro e vidros coloridos. Não tive oportunidade de conhecê-lo nem de ver seus galinheiros. Mas imagino galinhas muito chiques em suas casas art-nouveau, rs. Assim que se aposentou, meu avô vendeu a casa na Rua da Bahia e comprou uma onde era a zona rural na época, já que gostava de jardinagem e de criar galinhas. A região escolhida foi Venda Nova. A casa de vasto pomar ficava na rua direita e vizinha a casa do Sr. Benjamin, que era um famoso comerciante da região. Minha avó morou quando menina por um ano nesta casa com seus avós e por ela que sei destas histórias. Ela se lembra que meu avô era ativo na Igreja da região na época do Padre Pedro Pinto. Falou que se lembra de um rio que saía da fazenda do Sr. Elizar. Este tempo de córregos vivos está ainda presente nas memórias de vivências dos nossos antepassados, sendo assim, certamente algo ainda resiste em nossos gestos e sentidos.

Um abraço carinhoso,

Núria

[17:23, 21/11/2020] Roseli: Oi Núria... Nossa, viajei na sua narrativa... Que delícia de história... Acho q vc herdou o caráter inventivo do seu avô, ao escolher arquitetura e cultivar uma postura de carinho com o território...

Infelizmente, a plataforma das trilhas da memória não foi ampliada, o programa é fechado e as pesquisadoras não conseguiram destravar e inserir novas trilhas... o que é uma pena... Foi um imenso prazer poder partilhar com vc essas experiências e conhecer um pouquinho da linda história da sua família e da sua perseverança numa educação mais comunitária e inclusiva... E acredito que suas indagações dão pano pra manga e podem gerar no mínimo uma dissertação...

Estou à disposição pra trocas, sempre...

Grande beijo 

Roseli, agradeço sua generosidade por partilhar seu saber comigo. Seguimos em busca de uma educação anti-patriarcal, anti-racista e construída por muitas mãos. Que o futuro seja sem lágrimas de mãos negras, sem escola ensinando só a obedecer e de poder para o povo. Por uma educação de kilombo. Te envio este lindo episódio que recebi de uma amiga querida:

<https://www.youtube.com/watch?v=DITkud6N1Mo&app=desktop>





Frames do filme Educação de Kilombu - Afrobetização (episódio 2)  
Fonte: prints extraídos do YouTube

E para esse fim de tarde uma foto da erva-luísa que plantei no quintal da minha sogra. Essa erva faz um delicioso chá com sabor cítrico. Bom para uma pausa e prosa. Que logo a gente possa trocar mudas e experiências.



Erva-Luísa plantada no quintal da sogra  
Fonte: arquivo pessoal Núria, 2020

Sim... conheço essa erva... Muito usada como vermífugo na minha infância...

Que bom saber dessa propriedade da erva-luísa! Roseli, hoje domingo fui almoçar com minha avó Aparecida e aproveitei para perguntar a ela mais histórias sobre o avô dela, o Sr. Honório e o tempo em que ela viveu com

ele e com a avó Anita em Venda Nova. Fiquei com vontade de te escrever brevemente contando um pouco da prosa. Vó Aparecida morou em Venda Nova por 1 ano em 1945, ela tinha 7 anos e foi viver outra vez com seus avós para fazer o 1o ano na Escola Estadual Santos Dumont. A escola tinha orientações escolanovistas e era das poucas da capital que aceitava meninas e meninos na mesma sala de aula. Contou que foi aluna de Dona Judith que era sobrinha do Padre Pedro Pinto. Sobre os espaços públicos ela se lembra de grandes praças gramadas. Ela contou com muito entusiasmo que em algumas épocas do ano os ciganos acampavam nestas praças transformando a rua em festa: armavam-se barracas para vender tachos de cobres - excelentes para fazer doces (a avó Anitta era craque em transformar as frutas do quintal em doces açucarados) e as ciganas liam a mão dos transeuntes para descobrir a sorte - parece que dava fila. Ela se lembra também de um cinema chamado Marabá onde passavam filmes e aconteciam teatros e de um campo de futebol que ficava em uma área alta. Sobre a vizinhança e mantimentos ela contou de uma família de japoneses que cultivavam muitas hortaliças e as vendiam com outras miudezas em uma lojinha. Se lembra de buscar leite na Fazenda do Sr. Edgard, onde ela disse que havia muita água. Apesar de ter vivido apenas 1 ano com os avós ela se lembra com muito carinho de sua vida em Venda Nova. Conteí a ela sobre o trabalho de vocês para a implantação do Parque do Capão e ficou entusiasmada. Combinamos um passeio pós-pandemia! :)

Bom dia Núria! Que lembranças gostosas e bastante vívidas de Dona Aparecida... Me senti fazendo um tour pela Venda Nova do passado e gostei muito desse ar bucólico despertado pelo tom da narrativa... Seria um prazer e necessário, no meu entender, poder incluir essas memórias aos outros registros sobre a História de VN... Seria bom se

conseguíssemos dar continuidade ao projeto "Patrimônio Cultural e Ambiental de Venda Nova"... Fiquei muito feliz e bastante interessada tb com a narrativas sobre os ciganos... Tentar entender se aquele grupo guarda alguma ligação com a Comunidade Cigana Calon do Céu Azul ou se é outra turma... Enfim, relatos e depoimentos orais sobre a História me motivam e me sensibilizam sobremaneira e, no caso dos ciganos, acaba sendo uma maneira de jogar luz sobre essa comunidade, que ainda é muito estigmatizada, apesar de ser considerada como Patrimônio Cultural de BH desde 2014... Será um grande prazer acompanhá-las nesta visita à VN... Ainda tenho contato com Dona Lúcia Lens César, antiga moradora da região, considerada uma guardiã da memória local... Vamos combinar sim, será um (re) encontro maravilhoso... Cheia de expectativas...



Comunidade Cigana Calon do Bairro Céu Azul, 2017

Fonte: arquivo pessoal de Roseli, 2017



Comunidade Cigana Calon do Bairro Céu Azul, 2017  
Fonte: arquivo pessoal de Roseli, 2017



Comunidade Cigana Calon do Bairro Céu Azul, 2017  
Fonte: arquivo pessoal de Roseli, 2017

Nessa comunidade eles realizam a catira de cavalos, carros e maquinário destinado à construção civil... Aproveito pra te fazer um convite. Desde Junho, às reuniões do Núcleo Capão estão sendo realizadas por teleconferência. Gostaria de convidá-la pra q vc pudesse dar o seu

depoimento sobre o projeto Córregos Vivos... Seria um grande prazer ouvi-la e trocar figurinhas, como forma de nos inspirarmos em outros modelos de sensibilização e mobilização remota...

Geralmente as reuniões acontecem na última 6ª feira de cada mês, às 19 hs... Mas, acho q vou estar em trânsito no próximo dia 27 e estaremos agendado pro dia 3/12... O q vc acha!? Grande abraço!

Opa! Será um prazer! Adorei ver estas fotos dos Kalon! Obrigada, Roseli